



Este n.º foi visado pela Comissão de Censura de
Viana do Castelo.

Seiário republicano, independente, defensor dos interesses deste concelho

Director, adm e propriet — José da Silva Vieira. — Redactor no Brazil: A. Ciras. — Editora — Ana da Silva Vieira. — Composição e impr. — Typ. Espozendense — Espozende

Assinatura: Anual, sem esta-nilha \$5000 rs. — Com esta-nilha e para fóra 10\$000 rs. — Brasil, (Moeda forte), 30\$000 rs. — Colonias Portuguezas, 25\$000 rs. — Numero avulso 200 rs. — Pagamento adiantado. Redacção e administração — Rua Veiga Beirão, 7 a 9 — Espozende.



Anuncios: Judiciaes: linha ou esp. de linha 1\$00 esc. — Anuncios particulares: linha 70 c. Co. ann. ou reclames, linha \$50 c. Imposto do selo, cada publicação. 15 c. — Reclames a obras litterarias mediante um exemplar. Não se restituem originaes não publicados.

✱ ✱ DECANO DOS JORNAIS DO DISTRITO DE BRAGA ✱ ✱

FELIPE BANDEIRA A HOMENAGEM DE DOMINGO

Conforme fóra anunciado, realizou-se no passado domingo, na Câmara Municipal, a entrega das insignias da Comenda da Ordem de Mérito Industrial ao distinto artista-cinzelador snr. Felipe Bandeira, homenagem esta promovida por um grupo de amigos, constituídos em Comissão, do qual fazia parte o digno presidente da Câmara Municipal snr. tenente Lauro de Barros Lima.

Abrihantada pela banda dos Orfaos de S. Caetano e com a assistência do Corpo activo dos Bombeiros Voluntarios, a festa decorreu com certa solenidade.

Pouco depois das 15 horas e meia constituiu-se a mesa, tendo aberto a sessão o snr. tenente Lauro de Barros Lima, que em frases duma impressionante singeleza saudou o homenageado, depois do que deu a palavra ao snr. dr. Mário Gonçalves Viana, que pronunciou, em nome da comissão, o discurso que noutro lugar inserimos na integra.

Falaram seguidamente representantes dos Orfeãos do Porto e da Foz, os quaes fizeram o elogio do snr. Felipe Bandeira, dirigindo palavras carinhosas para sua mãe, que se encontrava presente e saudando a imprensa local.

Depois de impostas as respectivas insignias e visivelmente comovido, a todos o homenageado agradeceu, terminando por dar um viva a Espozende, o qual foi delirantemente secundado pela numerosa assistência que por completo enchia o salão nobre dos Paços do Concelho.

No final, o snr. tenente Lauro de Barros Lima encerrou a sessão, não sem se referir em termos encomiásticos ao discurso do sar. dr. Mário Gonçalves Viana, e tendo mais uma vez pronunciado palavras de merecida simpatia para com o snr. Felipe Bandeira.

Discurso que o snr. dr. Mário Viana pronunciou nos Paços do Concelho:

*Snr. Presidente da Comissão Administrativa da
Câmara Municipal:*

Minhas Senhoras:

Meus Senhores:

Conta-se que Napoleão exclamara, em hora critica e incerta de uma das suas mais célebres batalhas: «Tenho 200 milhões de francos nos meus cofres. De boa vontade os daria a quem me trouxesse neste instante o marechal Ney».

E no entanto, o Imperador estava cercado do seu luzido e brilhante Estado Maior, constituído por alguns dos mais famosos generais do exército francês dessa época.

Isto significa, muito simplesmente, que há circunstâncias e momentos em que um só homem é bastante para transformar a face do mundo. Por isso mesmo, Carlyle considerava, no ábaco, a história universal como sendo apenas «a história dos grandes homens.» E não se julgue que só aqueles a quem compete governar os povos ou comandar soldados ficam aptos a exercer essa influência decisiva sobre a existência das nações. O passado demonstra a cada momento que um simples artista ou um homem de ciência podem revolucionar o mundo com a mesma facilidade com que o faria um vulgar condutor das multidões. Uma simples diferença haveria apenas a notar: ao passo que a transformação operada pelo

agitador é quase sempre instavel; a levada a efeito pelo pensador ou pelo literato é de molde a exercer longa e pertinaz influencia. Apon-tamos um exemplo frisante e que diz respeito a Portugal: segundo a opinião autorizada de historiadores consagrados, sem os *Lusiadas*, e portanto sem Camões, não teria sido possivel a Restauração de 1640. Foi esse admiravel poema épico que, andado nas mãos de todos os portuguezes, lhes serviu de estímulo e de incentivo, exaltando-lhes o fogo sagrado do patriotismo.

Mas não se julgue, pelo que fica dito, que só as individualidades de grande remone e ocupando cargos elevados são dignas dá homenagem dos seus concidadãos. Pode ser tam util ao país um grande homem de Estado, como um humilde trabalhador, desde o momento que cada um saiba cumprir o seu dever, que cada um saiba manter-se no seu lugar.

O que torna as nações respeitadas e poderosas são os seus homens, não os ociosos, mas os trabalhadores—aqueles que fazem da sua profissão mais alguma coisa do que um simples modo de ganhar dinheiro—um verdadeiro apostolado!

De facto, só o trabalho nobilita. «A vida do homem, diz Samuel Smiles—tem de ser medida pelo que elle faz». As máximas adotadas por alguns dos maiores génios da humanidade são a esse respeito absolutamente concordantes. O historiador inglês Robertson já usava por lema aos 15 anos de idade: *A vida sem o saber é morte*. O célebre romancista Walter Scott escolheu outra legenda não menos significativa: «*Nunca estar sem fazer alguma coisa*.» Voltaire tinha por norma esta singela frase: «*Sempre a trabalhar*». O poeta sueco Sjoberg proclamava por seu lado: *A vida é uma luta* e o naturalista francês Lacépède escolheu este dístico expressivo: «*Viver é observar*».

Sempre—minhas senhoras e meus senhores—a glorificação do trabalho, sem o qual não há ordem, não há progresso, não há vida, pois—como acentua um autor illustre—«o espirito pode gastar-se e desfazer-se pelo trabalho, mas é completamente consumido pela ociosidade.»

Não é de estranhar, portanto, que estejamos hoje aqui reunidos para homenagear um grande trabalhador, que á custa do seu esforço tem conseguido triunfar duma maneira decisiva adentro da formosa arte que escolheu e que amorosamente cultiva.

O segredo do seu êxito reside, em primeiro lugar, no facto de desempenhar o cargo para que tinha vocação, Isto vem mais uma vez pôr em foco as sensatas palavras de Sydney Smith; «Se obedecerdes á vossa inclinação natural, conseguireis triunfar. Se vos inclinardes para qualquer outro lado, sereis mil vezes menos do que nada.»

Mas Felipe Bandeira não se limitou a seguir a sua vocação. Tendo a intuição de que *o unico impulso verdadeiramente eficaz*—como acentua Percy Johnston—*é aquele que se dá impellido pelos próprios méritos*, a sua vida tem sido sempre um exemplo frisante de amor ao trabalho. Muita gente qualifica de *sorte* o êxito de certos homens, quando elle é, afinal de contas, o produto do seu labor incansavel. Porque não basta trabalhar, é preciso fazê-lo com intelligência, com elevação, com o perene desejo de progredir. Aquele que se desempenha das suas occupaões como dum pesado fardo será sempre um mediocre ou um vencido. Lá diz Marden que *«é o esforço constante de atingir o que há de melhor em tudo que conduz ao máximo da superioridade.»*

Um dia perguntaram ao célebre *rei das minas*, o norte-americano Daniel Guggenheim em que consistia o segredo do seu êxito.

Pois a resposta foi simples: «O segredo do meu triunfo, exclamou êle, reside no entusiasmo com que sempre trabalhei.»

Felipe Bandeira podia, certamente, dizer o mesmo, uma vez que —como afirma um conceituoso pensador— «ninguém jamais deixou de realizar aquilo por que honradamente se esforçou em toda a vida.»

Minhas Senhoras e meus Senhores:

Lord Stanley, ao tomar posse de reitor da Universidade de Glasgow, em 1869, pronunciou estas palavras no seu brilhante discurso inaugural: «Visto que o trabalho é a nossa vida, mostrai-me o que fazeis e eu vos mostrarei o que sois.»

Pois bem; quem é Felipe Bandeira di-lo á saciedade a sua obra admirável de cinzelador e de artista que é, aliás, de todos bem conhecida. Num país como o nosso—de tam gloriosas e brilhantes tradições adentro da ourivesaria e onde ainda abundam, felizmente, notáveis cinzeladores, é preciso ser *alguém* para atingir o renome de Felipe Bandeira, para conquistar em plena pujança da vida a fama que já hoje cêrca o autor da formosíssima obra-prima que é a *Primeira missa dos portugueses no Brazil*.

Mas há mais. A ourivesaria atravessa uma crise gravíssima, reflexo da crise geral que assoberba o mundo e que faz do dia de amanhã uma indecifrável e enigmática interrogação. E é precisamente nesta hora incerta, que Felipe Bandeira triunfa. Porquê?—interrogarão muitos.

A resposta é fácil de dar. E' porque êle, em todos os seus belos trabalhos—tam cheios de saudável e pujante beleza—procura sempre ser o mais perfeito possível, fugindo á *estagnação perniciosa* em que fala o crítico Henry Vever, estagnação que tanto tem prejudicado modernamente a ourivesaria lusitana e dum modo geral todas as artes decorativas.

Numa época como a nossa, materialista e mecânica, «a arte é hoje—no dizer do notável escritor argentino Vargas Vila—a única Fé das grandes almas.» Mas para ela não succumbir sob o pêso dos objectos de pechisbeque, das imitações banalisadoras e das jóias falsas, é forçoso que apareçam artistas da categoria de Felipe Bandeira, capazes de tornarem possível que, «acima do preço intrinseco» se coloque—como acentua Gustavo Jeffroy—«o valor artistico.»

Reside aí o milagre do seu êxito! Mais do que simples artifice, êle é artista! Afirma algures um notável pensador que o «único objectivo duma obra de arte, se algum objectivo ela pode ter, consiste em fazer-nos compreender melhor a rialidade ou qualquer sentimento que exista dentro de nós.»

E qual será o português que não se sinta fortemente emocionado ao apreciar as formosíssimas evocações históricas que têm saído do cinzel apurado e quâse mágico de Felipe Bandeira—produto da sua arte superior e lusitaníssima, de que é máximo expoente o maravilhoso «Relicário» a oferecer ao illustre estadista e financeiro Dr. Oliveira Salazar.

Não há ali apenas a rialização esmerada e tecnicamente perfeitíssima, há a concepção feliz, a idealização meticulosa, o estudo consciencioso—há, enfim, o *trabalho criador* que precede o trabalho material da oficina de transformar a prata bruta e informe numa obra-prima que nos fala á alma como a estrofe grandiloquente duma epopeia soberba, onde são evocadas duas das mais belas afirmações do génio lusiada— as descobertas e o municipalismo.

E êste esforço criador vale muitíssimo, embora bastante gente o esqueça. Daí, o Neumam afimar no seu *Sistema de Estética* que «todo o artista está sujeito a certas leis humano-gerais da criação espiritual e ás influências que lhe impoem o seu povo, a sua época, a sua raça, a sua nacionalidade, a educação e a cultura do seu tempo.»

Minhas Senhoras e meus Senhores:

Felipe Bandeira já tem produzido trabalhos notabilíssimos, que honram o seu nome e a arte nacional. Mas apesar disso ainda muito mais há a esperar das suas belas qualidades de trabalho, do seu engenho e do seu talento. Marden escreveu algures que «o mundo é uma vasta Universidade. Desde o berço ao túmulo estamos sempre a aprender, como se fôssemos eternas crianças a estudarem na escola de Deus.»

Felipe Bandeira—estou certo disso—como um amoroso da arte, que é, ha-de ser um eterno insatisfeito da perfeição. Homem de trabalho não se envaidecerá nem descansará á sombra dos louros colhidos. Antes, a homenagem de hoje, que lhe é prestada por amigos sinceros e devotados, com a gentilíssima colaboração de numerosas câmaras municipais do país, deve servir-lhe de estímulo salutar, para que novos trabalhos nos dê—dignos do seu nome já consagrado e da ourivesaria nacional, cujas notáveis tradições remontam aos primórdios da história pátria.

Felipe Bandeira tem á sua frente longos anos de trabalho fecun-

do e por isso tenho a certeza que surgirão ainda muitas ocasiões de enaltecer a sua obra com o entusiasmo com que hoje o faço—com o entusiasmo com que sempre saúdo aqueles que trabalham honestamente e que honestamente triunfam.

As insignias da Comenda da Ordem de Mérito Industrial, adquiridas por subscrição pública e que agora vão ser entregues a Felipe Bandeira, em poucos peitos poderão ser ostentadas com mais justiça do que no seu.

Jubilosamente o saúdo, pedindo-lhe que olhe para o futuro com fé e com entusiasmo, pois o futuro só pode pertencer aos que trabalham com inteligência, com perfeição e com amor.

Minhas Senhoras e meus Senhores:

Vou terminar. As minhas palavras descoloridas, que apenas têm a virtude da sinceridade, nem podem ter o condão de prender a delicada curiosidade de V. Ex.as por mais tempo, nem tam pouco a força sugestiva capaz de insuflar novas energias criadoras a Felipe Bandeira.

¿Que fazer, então, nesta emergência? Lembro-me agora duma frase célebre de Beethoven, que, no seu otimismo, diz tudo o que eu talvez não pudesse nem soubesse dizer. Assim como o glorioso músico exclamou uma vez, também eu afirmarei a Felipe Bandeira: «*Ainda não se levantaram as barreiras que digam ao talento: daqui não passarás*».

E porque, rialmente, assim acontece é que Felipe Bandeira deve proseguir no caminho tam belamente traçado, afirmando cada vez mais a sua inconfundível individualidade de cinzelador e de artista.

Ninguém contesta que o momento actual é um período de transição. Tudo, hoje, se transforma e sofre a influência por vezes desorientadora, inerente ás épocas históricas de incerteza e de inquietação. A arte tem experimentado rudes golpes, até por parte de muitos que se proclamam e querem fazer passar como seus cultores, e que nada mais conseguem rialisar do que exotismos e excentricidades absurdas! Ora semelhante atitude constitue um erro grosseiro, pois a arte não deve obedecer a avariadas escolas pseudo-estéticas nem ser influenciada pelos desvarios da praça pública. «A arte—diz Sertillanges—«é a vida social engrandecida, desabrochando, arrancada um instante ás suas preocupações temporais para comunicar com o eterno da natureza, da vida, do pensamento, do ideal, que mistura todo o ser á vida do nosso ser, toda a matéria ao nosso espirito e todos os séculos aos nossos fugitivos minutos.»

Por isso é que, volvidos alguns séculos, as pratas lavradas pelo cinzel prodigioso de Benvenuto Cellini ainda são consideradas das mais belas obras primas do maravilhoso engenho humano—valendo milhões e figurando nos museus como padrões imorredoiros daquela Beleza superior que em vez de se sujeitar a moldes acanhados de certas escolas doutrinárias ou a *modas* passageiras, vai procurar inspiração na Natureza sempre nova e nessa fonte inexaurível de emoções que é a alma do homem.

Georges Sand, escrevendo um dia a Flaubert dizia-lhe que «o talento impõe deveres.»

Outro tanto se poderia dizer nesta ocasião solene a Felipe Bandeira, que desde agora fica *moralmente obrigado*—mais do que nunca—a trabalhar sem descanso pelo engrandecimento da ourivesaria nacional, contribuindo com a quota-parte do seu brilhante esforço para que ela ressurja do quâse marasmo em que vive e nos dê novas formas de Beleza imortal. Não basta buscar inspiração no Passado glorioso mas distante; é preciso também olhar para o dia de amanhã com intuição e com nobreza, criando uma arte equilibrada que se amolde ás necessidades do momento que passa, que satisfaça o critério utilitário da vida hodierna, que marque—numa palavra—o que nós somos e não só o que nós já fomos!

«Se o artista—escreveu um crítico—quizer bem merecer dos seus semelhantes, não pode abstrair inteiramente da utilidade social das suas obras».

Pois bem: eu tenho fé—e comigo, sem dúvida, todas as pessoas presentes—que hoje, amanhã e sempre, Felipe Bandeira—bem há-de merecer dos seus concidadãos!

Disse.

Preferir viajar na «A Internacional» do nosso amigo sr. Antonio Domingos Ferreira, com carreira diaria entre S. Paulo de Autas e Porto, e ter a certeza de uma viagem feliz e livre de perigo.

Joel de Magalhães

MEDICO

CONSULTAS

**Em Espozende das 9 ás 12,
e em Fão das 14 ás 15
e meia horas.**

Uma circular da Direcção Geral

«Aos ex. mos presidentes das Comissões de Censura de Lisboa e Porto e Delegações na Provincia.—A análise conscienciosa das «directivas» que desde o inicio, tem orientado esta Direcção Geral, nas suas relações com a Imprensa e cuja cópia se junta, esclarece sobre o justo conceito em que é tido o «direito de livre expansão de ideias» que, entretanto, o bem publico condiciona.

Reconheça a Nação, e com ela as mais insuspeitas opiniões, como supremas aspirações nacionais, a energica defesa do principio de autoridade e a criação de um estado de equilibrio no espirito publico, incompativel com os processos de desordem e de violencia de determinadas facções que mesquinhas ambições conduzem.

Para se alcançar a realização dessas aspirações, importa considerar o notavel papel que a Imprensa está reservado nessa obra sagrada de amor pátrio em que quasi toda diz colaborar mas, de facto, oferecendo em alguns dos seus órgãos o triste exemplo de uma intencional atitude de reserva perante actos graves contra a Pátria, o que de modo algum se harmoniza com as pesadas responsabilidades inerentes à sua elevada missão social.

Não cabe, evidentemente, no proposito desta direcção Geral, a menor intenção de conduzir a Imprensa Portugueza a uma atitude de colaboração servil com a obra nacional da Ditadura, e a que a publicação que se autoriza das Directivas de Serviços recusaria sentido logico.

Não deve, porém, deixar de considerar-se—por, além de aos jornais, isso interessar à Nação—A influencia deletéria que exercem sobre a opinião publica, determinados jornais do Paiz, quer aplaudindo, ainda que indirecta ou veladamente, a violencia e a desordem, a coberto de uma ideologia falseada, quer mantendo um muitismo culposo e absurdo, em face de actos que a Nação repudia e cujas consequencias só em lagrimas e sangue podem ser avaliadas.

Delibera, portanto, esta Direcção Geral chamar a atenção das suas delegações, para os jornais que contumazmente se apresentam aos seu leitores com qualquer daquelas feições, que só reservados propositos explicam, com desprezo absoluto do interesse nacional.

Que por essas delegações seja dado conhecimento a todos os jornais, da conveniencia de encararem a sua missão sob o

aspecto a que se alude nesta circular, tendo sempre presente o grau de responsabilidade que logicamente lhes é attribuida no desempenho da sua função civilizada, a qual, de «forma insofismavel», deve frequentemente ser expressa no jornal, clara e nitidamente, pela ordem e disciplina, contra a loucura e a violencia.

Reserva-se esta D. G. o encargo da organização de processo de supressão, a subordinar a sua ex. ma o snr. presidente do Ministerio, contra todo o jornal, cujo procedimento fôr julgado de prejuizo publico, nos termos da doutrina expressa nesta circular.

—Lisboa, 28 de Agosto de 1931
—O director geral, Alvaro Salvação Barreto, major de artilharia.

SOCORROS A NAUFRAGOS

Na sexta-feira da ultima semana deu-nos a honra da sua visita inesperadamente o Ex. mo Sr. Almirante Alvaro Antonio da Costa Ferreira, Ex. mo Presidente da Comissão Executiva Central de Lisboa, que veio expressamente inspecionar os serviços dos Socorros a Naufragos desta vila. Sua Ex. a durante a inspecção ordenou a Comissão Local, que rapidamente chegou a casa-Salva-Vidas um exercicio, que decorreu ligeiro e com certo interesse, tendo comparecido uma tripulação completa, com brevidade, ao alarme dado pelo sino da torre.

A Comissão Local expôs a Sua Ex. cia a forma de se fazerem alguns melhoramentos, que se tornam algo necessarios tais como: a ligação telefonica com o farol da barra, alarme electrico dado do farol para o sino da torre; colocação de carris até ao leito do rio para melhor deslize do salva vidas; ligeiras modificações dos farois de enfiamento para as embarcações se abrigarem entre os Cavalos de Fão e a terra e outros pequenos detalhes tambem de utilidade. O Ex. mo Sr. Almirante mostrou-se muito bem impressionado, o que escreveu no Livro de visitas, tomando apontamento daqueles melhoramentos, para submeter à aprovação superior em Lisboa.

ACTO DE HEROISMO

Que deve ser galardoado pelas autoridades respectivas

No ultimo sabado, pela manhã, como do costume, dispozeram-se a tomar o banho de mar, os orfãos do Colegio de S. Caetano, de Braga, que estão a veraneiar nesta praia desde o dia 20 do mez findo. O mar nesse dia estava um pouco agitado, e alguns desses pequeninos orfãos, desconhecendo o perigo das ondas, e devido tambem á correnteza que faz nestas ocasiões, foram arrastados para um pouco mais longe. Conhecendo se, de terra, o perigo em que estavam, por felicidade dos pequenitos, foi isto presenciado pelo marítimo Amandio de Barros Lima, que lhes prestou todo o auxilio, livrando-os de morte certa. Estamos convencidos, pelo que nos contaram, que se lá não está aquele heroico rapaz, a nossa terra, teria assistido a um drama maritimo profundamente

triste, como seria a morte de 8 vidas preciosas.

Na praia tambem estavam muitas senhoras que afictas presenciavam aquella scena comovente sem que auxilio algum podessem prestar. Mas em terra, prestaram todo o auxilio dosivel para que aos rapazitos não faltasse o carinho que só as senhoras podem e sabem dispensar. Ouvimos dizer que ha um banheiro na praia, que não sabe nadar, e se isso é verdade, ao Ex. mo Sr. delegado marítimo deste porto pedimos providencias. Ao mesmo digno funcionario pedimos, para que se digne informar aos seus superiores,—o que de certeza terá feito—para que ao heroi que salvou 8 vidas seja dada a devida recompensa. Ao Ex. mo Sr. Padre Candido Lima das Eiras dignissimo director do Colegio dos orfãos de S. Caetano, apresentamos os nossos parabens por se terem salvo aqueles seus subordinados, e pela rapidez com que compareceu na praia acompanhado do Ex. mo Sr. Dr. Joel Magalhaes illustre medico municipal que prontamente prestou os socorros medicos, o que tambem muito concorreu para que rapidamente ficassem livres de perigo. Todos merecem louvores.

O ULTIMO MOVIMENTO REVOLUCIONARIO EM LISBOA

Mete compaixão, causa a maior tristeza e a maior indignação, a selvageria do ultimo movimento revolucionario ocorrido na nossa linda Lisboa, que causou tantas desgraças á população, indifferente na maior parte ás contendas politicas. E' terrivel a descrição feita pelos jornaes, dos efeitos da artilheria e dos aeroplanos, que descarregaram metralha sobre a cidade dum maneira inacreditavel. Foi barbaro o procedimento dos officiaes dos aeroplanos revolucionarios lançando bombas explosivas em varios pontos especialmente na vila de Almada, levando o luto e a miseria a muitos lares. Quando será que haverá juizo no nosso paiz? Quando acabarão no nosso paiz os movimentos revolucionarios? Fazemos votos, como portuguezes, que não mais se respitam estes actos de barbarismo...

O ANO AGRICOLA

Vai correndo muito mal o ano para a agricultura, pois o tempo tão irregular que tem estado, não auxilia a maturação dos cereaes e do vinho.

Quasi que não tem havido calor neste verão, e sem ele, falta o principal elemento para a boa produção e portanto o necessario desenvolvimento nos frutos. Em virtude d'essa irregularidade, isto é, da falta de calor, já o milho deu uma alta regular no preço, não sendo preciso portanto a intervenção do governo... para essa subida. Porque ha poucos dias a lavoura do Norte foi pedir ao governo providencias para atenuar os baixos preços dos productos da terra,

e não deixamos de concordar com isso, porque efectivamente os cereaes tem-se mantido ha mezes, verdadeiramente baixos, não compensando os trabalhos e sacrificios dos lavradores. Para o povo melhor é que tudo esteja barato, mas tambem é necessario que o lavrador não seja só o prejudicado, e para o não sêr, necessario se torna que pague menos aos operarios agricolas, e a todos de quem necessitar os serviços, e tambem que o Estado o favoreça com alguma redução nos impostos das suas propriedades.

Grafonóla (Polidôr)

Quasi nova

Com 50 disticos modernos e diafragma blindado

Vende-se barato

Informa esta redação.

ESPECTACULOS PUBLICOS

Foi publicada uma portaria determinando que os governadores civis e as administrações dos concelhos não autorizem a realização de espectaculos senão a artistas ou agrupamentos artisticos nacionais ou estrangeiros dos generos dramaticos, variedades, musical ou tauromaquico, devidamente munidos do alvará passado pela Inspecção Geral dos Spectaculos.

Entre nós

Desde os meados do mez passado, encontra-se na sua casa de Palmeira, o nosso conterraneo e amigo o Ex. mo Sr. Francisco Bento da Rocha, residente há anos no Porto.

Vasco Vieira

No dia 23 do mez findo, consorciou-se no Rio de Janeiro com a sua priuna a Ex. ma Sr. a D. Palmira Costa Ferreira, que para aquela cidade tinha partido nos fins de Junho, o nosso conterraneo o Ex. mo Sr. Vasco Vieira, importante negociante naquela cidade brasileira. Desejamos aqueles nossos illustres conterraneos as maiores felicidades

FUTEBOL

Realizou-se no ultimo domingo, no Campo da Abrigadeira, desta vila, o desafio do Academico Futebol Club de Barcelos com o Espoende Sport-Club, ganhando Espoende por 3—2.

CINEMA

Terá lugar amanhã no nosso teatro, como inauguração da época, o formidavel drama maritimo, em 9 partes, de emocionante tragedia.

HISTORIA CONSELHIA

D'ONDE PROVIERA
O NOME DE ESPOZENDE?

(Notas a lapis)

(Continuação do numero 1.111)

Além resta-nos a melancólica praia da Apulia, assim baptizada, *si vora est fama*, pelos conquistadores do mundo, ou mais certo pelos autochtones trazidos como escravos, após a batalha de Zama 202 A. C.) devido aos doirados areas e verde-escuro dos pinheiros, lhes recordarem o seu berço querido. E nada mais.

No entanto o nome do monte do—FARO—não adviria do latim—PHARUS—(o pharol), herdado do grego—PHARO—conjuntamente aos outros conhecimentos marítimos de que os Romanos eram leigos?

O pharol primitivo, a fogueira alimentada á noite nos altos, para guia da navegação, ainda em nossos dias flammeja, apesar de todo o progresso da sciencia, por entre os densos novoeiros, assignalar as praias anciadamente buscadas pelos naufragos. E n'ella se perdem, quando no ultimo bracejar, ao submergirem-se no pelago imenso, os seus derradeiros olhares, em despedida aos entes caros.

O FARO na sua elevada forma conica, sobranceiro á cadeia montanhosa trinchada pelos rios Neiva e Cavado, daria o norte em pleno dia aos navegantes; e a sua corôa de chamas, na solidão das noites, indicar-lhes-ia o porto seguro, onde em braços cariciosos e labios doces, esqueceriam o agro da fadigosa vida do mar. N'ella, cavadas na rocha árida, ainda ha as *pias romanas*, como lhes chama o nosso povo, onde recolham as aguas da chuvas e d'ellas se serviam os encarregados de manter a fogueira; e no seu cume vestígios semaforicos se encontram, das épocas phenicia ou romana, ou aproveitados posteriormente d'ellas.

Ora entre a barra e sua balisa—o monte do Faro, o pharol—não podia deixar de existir um aggregado humano, aldeamento, ou o quer que fosse, fundado pela *gens romana*, ou melhor por ella conquistado, e depois, provido de armazens para embarque e desembarque de mercadorias; quartéis para descanso das legiões e dos embarcadiços; porto de abrigo; colonia militar atalaiando o inimigo, *castrum* vanguardeiro na defeza das povoações ribeirinhas do CELADUS e da *magna urbs*, a ancestral Braga, promovida pelo Mecenas imperial de Augusta e mais tendo a dignidade do Con-

vento Juridico. D'esse *castrum* talvez sejam restos o Montilhão, ao norte a par do Fanico e, ao sul fronteiro á Junqueira.

E a esse conjuncto humano, como o appellidaria os romanos?

O nome do momento trará, ao menos, reminiscencias do latino?

Nas syllabas formativas, embora com as corruptelas dos seculos e as mutações soffridas, poderemos constituir, restaurar ou aproximar a designação romana?

(Continúa)

Luiz Vianna.

AOS NOSSOS ASSINANTES
NO ESTRANGEIRO E AFRICA

Sendo uma das condições da assinatura do nosso jornal o pagamento adiantado, parece impossivel que alguns dos nossos subscritores tenham em tão pouca conta esse dever de mandar satisfazer os seus debitos, visto que não nos negaram a protecção da sua assinatura. Pois, mais uma vez vimos pedir o seu pagamento, visto que alguns já devem ha muito. Convençam-se de que isso não é sinonimo de patriotismo nem abóna o caracter de quem assim se esquece do seu dever, pagar a quem trabalha, é um dos mais sagrados deveres do homem.

Esperamos que tomarão na devida consideração este nosso justo pedido.

Os desempregados

São 195.000 os desempregados no nosso pais; assim descrimados:

Agricultura, 65.000; Comercio 8.000; Construção civil, 20.000; Maritimos, 35.000; Mineiros, 6.000; Industrias—Textil, 10.000, Metalurgicos, 5.000, Transportes, 7.000; Vestuario 5.000; Vidreira, 9.000; Graficos 3.000; Conservas 12.000; Diversos, 10.000.

Para o preenchimento de 18 vagas de informadores officiais, deram entrada, em poucos dias, na repartição respectiva, mais de 3.000 requerimentos, alguns de pessoas com curso de liceus.

ESPECTACULOS PUBLICOS

Foi publicada uma portaria determinando que os governos civis e as administrações dos concelhos não autorizem a realização de espectáculos senão a artistas ou agrupamentos artisticos nacionais ou estrangeiros dos géneros dramaticos, variedades, musical ou tauromaquico, passado pela Inspeção Geral dos Espectáculos.

ANUNCIOS

DECLARAÇÃO E
PREVENÇÃO

João Gonçalves da Silva, desta vila, vem declarar e prevenir o publico, que sendo fiador de João da Costa Inez, morador no lugar de Goios, freguezia das Marinhas, da quantia de mil escudos, ninguem faça contrato algum sobre o que ele possui sem o integral pagamento desta quantia, cuja letra se encontra protestada desde 8 do corrente mez, julgando-se com direito de propôr embargos á transacção que prejudique a liquidação deste debito.

Espozende, 12 de Agosto de 1931.

EDITAL

Manoel Martins de Sá Pereira, Vice Presidente da Comissão Administrativa da Câmara Municipal de Espozende, servindo de Administrador do Concelho:

FAZ PUBLICO que pelo Decreto n.º 20.207 de 13 do corrente mez se acha em vigor o horario do trabalho, o qual será rigorosamente cumprido, e que serão applicadas as respectivas multas aos infratores quando não cumpram as disposições do referido Decreto.

E para constar se afixou o presente e outros de igual teor.

E eu Pantaleão Bento da Rocha, Chefe da Secção Administrativa, o escrevi.

O Administrador do Concelho,

Manoel Martins de Sá Pereira.

EDITAL

De harmonia com o disposto nos n.os 5.º, 6.º e 9.º e § unico do Art. 55.º do Decreto n.º 20199, a Comissão Venatoria Regional do Norte, deliberou e faz publico o seguinte:

1.º—É permitido o uso furão, sem auxilio de fedes, até 31 de Dezembro, conforme dispõe o n.º do Art.º 46.º do Código da Caça, nos concelhos de Mogadouro, Resende, Lamego, Arcos de Valde Vez, Marco de Canavezes, Carraceda

de Anciaes, Baião, Vila Pouca de Aguiar, Mirandela, Braga, Alijó, Vila Real, Santa Marta de Penaguião, Paredes de Coura, Mondim de Basto, Cabeceiras de Basto, Valpaços Terras de Bouro, Freixo de Espada-á-Cinta, Vila Verde, Espozende, Vila Nova de Cerveira, Vinhaes, Amares, Amarante, e em Melgaço durante os mezes de Novembro e Dezembro.

2.º—Fica proibida a caça á perdiz, durante o proximo periodo venatorio, nos concelhos de Vila Nova de Gaia, Penafiel, Vila Verde, Fafe, Gondomar, Valongo, Castelo de Paiva, Baião e Matosinhos, e a caça á lebre nos concelhos de Vila Nova de Gaia, Penafiel e Paredes.

3.º—A caça á lebre é restringida ao sistema «a corricão» nos concelhos de Gondomar, Paços de Ferreira, Matosinhos, Valongo, e nas freguezias de Freixo de Baixo, Freixo de Cima, Figueiró, Santa Cristina, Travanca, Fregim, Louredo, Passinhos, Vila Caiz, Real, Mancelos, Ataíde e Oliveira, do concelho de Amarante.

4.º—Nos termos do Art.º 15 e do seu § unico do Código da Caça, fica proibida a caça á perdiz da California (colins), no distrito do Porto.

Porto e Secretaria da Comissão Venatoria Regional do Norte, 19 de Agosto de 1931.

O Presidente,

José Augusto Pinto da Silva.

MODISTAS



A maquina de costura PFAFF houve, há e haverá, ainda que isso custe a certos vendedores de maquinas de costura.

A Pfaff não teme concorrência e aceita o confronto em qualquer terreno porque a Pfaff é a melhor construída e que produz melhor trabalho, dando maior rendimento.

A Pfaff é construída de forma a nunca se avariar tomando a fabrica a responsabilidade por o seu perfeito funcionamento.

Não comparem sem pedir um confronto e assim certificar-se-hão das vantagens da Pfaff.

Agente em Espozende—João Baptista de Sá (antiga Casa Terra).

ANA ROCHA

MÉDICA

Consultas das 10 á 12

(Excepto aos domingos)

ESPOZENDE